METRALHADORA DE ILUSÕES

POESIA

Daniel Sonne

Você pode citar e compartilhar essa obra ou partes dela em todos e quaisquer meios desde que: sem fins comerciais e dando os devidos créditos ao autor, preferencialmente com o link de sua página na internet: http://danielsonneblog.wordpress.com.

PDF composto em Junho de 2016.

Se o que queres é amor, peça-o ao seu inimigo, o qual odeias em silêncio. Assim muito melhor será para ti, uma vez que por esse caminho não correrás o risco de confiar nesse outro ser, supostamente racional, muito mais do que aquilo que realmente podes de forma não obsessiva ou doentia. Tal uma coisa dos zapatistas, sem humor isso não será entendido. O escárnio é então uma ótima característica psicológica.

INTRODUÇÃO

É UMA PENA QUE TENHA TERMINADO

NÃO QUERO AQUI MAIS FALAR SENÃO POR SONETOS
MESMO QUE PROSADOS, E NUNCA N'OUTRA FORMA.
ESSE DIALÉTICO-HEGELIANAMENTE CONTRADITÓRIO
MAS SINCERO ESCRITO É O QUE FICOU À MARINA.

AMO-A? SIM, MAS FALHASTES GRANDEMENTE
POR NÃO ENTENDERDES MINHAS SUTIS PIADAS CONTIGO
NESSE TEMPO EM QUE DEI-ME POR INTEIRO A TI
SEM PENSAR MUITO ALÉM DO TEU CONTATO.

SEI QUE ANULEI MUITAS VEZES MINHA VONTADE
E GOSTARIA DE JUSTIFICAR A IRONIA DESSAS FALHAS
QUE COMETEMOS, DOIS IDIOTAS, MUTUAMENTE.

RESTA-ME DAR-LHE UNS VERSOS QUE NÃO LERÁS
CONTANDO COISAS QUE IGNORA, OU NÃO LHE INTERESSAM
JÁ QUE MATAR O QUE DEIXAST' 'INDA NÃO POSSO!

17.IX.2014
CENTRO DE CONVIVÊNCIAS UFSC

Amor Desconfiado

Ah, anjo da mais doce beleza
Tua boca, como um rubro Mar
Se abre, mas docemente,
E as tormentas que pronuncias
Tão ferozmente para assustar
Aquele que já foi um só contigo
Não me assustam.

Mais próximos da liquidez cotidiana
Que do ultrarromantismo byroniano
Obrigo-me a recusar a moral
E buscar, sapiente, novos caminhos.

Por isso, se hoje olhas-me desconfiada
Guardas ainda, que vejo em teus olhos,
Aquele carinho devotado
O mesmo amor desconfiado
Que não quer entregar o coração
Por medo de sofrer.

30.VIII.2014

Pálida Frieza

Dizes que já não amas
Xingas. Mas choras se anuncio
Que posso partir. Me abraças
E fala-me para não confundir.

Sorri. Me olhas no profundo d'alma
E pedes para "não me olhar assim"
Como se fosse possível mesmo
Ficar no *front* contra ti,

Mas não se apaixonar pela inimiga e
Não poupá-la da morte enquanto
Atacas-me tão cruel e eroticamente.

Então, doce Mar, meu azul
Iluminado pelo Sol de teus cabelos…
Não abandona-me em tua pálida frieza!

30.VIII.2014

Máscara da Confusão

Mascarada, como singela rainha,
Caminhas. Olho-te com a calma eufórica
De quem quer te invadir a qualquer momento
E suspiro para mim: tenha calma, sedento.

Calma, marinheiro de águas distantes,
Olha para ela e silencia, aguarda,
Estuda e testa… pois,
Por mais que faça-se, sua dureza é artificial.

Sentes a pele dela arrepiar enquanto
Afasta-o também com palavras?
E que não nega o amor, às claras?

Ah, poeta há muito esquecido…
Voltas de longa viagem – mas voltas
E, ainda fraco, a confunde e a ama!
30.VIII.2014

Caminho e carinho sem fim

Sublimemente apareces tu a mim
Sublime mentes que nada vês em mim.
Finjo que acredito, repito conversas
Pois nem tudo que é dito tem evidências.

Doce menina, perigosa mulher, mistura
De gasolina com chantilly!
Tão explosiva quanto deliciosa,
Atacas como uma leoa, amas como uma rosa!

Por isso eu, o imperfeito, ressurjo
Dum longo sono, por lealdade a ti,
Mesmo que algo como andarilho sujo.

Pois, se não há deus por nós, menina,
Amo-te também como companheira
Numa longa estrada que nunca termina!

30.VIII.2014

Macia Adaga

Doce princesa do castelo do morro
Protegida pelos ciúmes reais
Mas também pela própria fúria,
Sei que tens raiva deste plebeu.

Pois se és a fera mais manhosa
Que minha intemperança conheceu
A chama que acendestes, sabes,
É de algo que para sempre é teu.

Femme fatale, combinação perigosa
De ímpeto e profunda beleza, vens
Suspirando tua raiva em tom de dengo,

E ao ouvir teu "não" eu avanço
Sentindo que se a ira lhe sobe,
É porque teu peito ainda aquece-se!

30.VIII.2014

Luta de carnes

Mandas-me sumir. Por telefone.
Bato à tua porta, e silenciosa a abres.
Brigamos. Eu, travando dura batalha,
Insisto no impossível. Sou eu.

Magoas-me. Engulo a dor. Falhei.
Falhei e não mereço perdão. Mas o peço.
Negas-me um beijo, mas rodeias-me
Como paciente abelha que quer o mel de meu corpo.

Vacilas. Mas atacas novamente
E eu, em minha simplicidade,
Jogo dados com o azar. Afinal,

Que posso eu aqui perder?
Ah, e se eu ganhar, que prazer
Será ter a ti novamente nos braços!

30.VIII.2014

Lumpemproletário da ilusão
Em amor ao teu carinho destrutivo

Tu, diamante trespassado por dois feixes azuis
Que brinca suavemente com a pólvora de
Meu ser, mesmo quando juras não mais me amar
És a mais satânica diversão que um anjo pode ter.

Longo elmo dourado, Marina Valquíria,
São teus cabelos harmônicamente belos
Sob os quais abrem-se, tal rubro mar,
Os teus doces e macios lábios perfeitíssimos.

Ah, se fosses tu, ninfa paradisíaca, princesa
Novamente minha rainha, que feliz eu seria!
Luz haveria! A felicidade ‘staria de novo no rosto.

Pois eu, lumpemproletário da ilusão,
Te perdi lutando economicamente por ti e
Quero que sejas novamente minha brusca faísca!

30.VIII.2014

Das Schönste Kind

Caio no pó das alegrias falsas
E da angústia com expoente cientificamente notado
Vou me erguer. Última vez. Precisava
Ver novamente a areia das flores da montanha.

Olho para mim. Retrato de miséria.
Nem meu soneto pode ser belo.
Exala toxinas de ódio à injustiça
– Enquanto eu ainda tenho de terminar

Uma vida –. A água do laguinho
Cai. Me lembro dela. Como a queria
Aqui, sim! Quero um mundo bom…

Também para o Johann. E tu.
Que com não's dizes sim's e que
Com teus lábios me chamas de volta ao meu mundo!

02IX.2014

Zukunfts Blondlichkeit

Denke ich an dir.
Die Vögel singen und
Die Sonne will scheinen.
Ist es ein guter Tag
Für die Fröhlichkeit von Zukunft.

Sie, die immer kommt wieder
Sie, welche die *angoisses* getot hat.

Geburtstag, von neues.
Immer ein Zurückgehen,
Aber auch ein Fliegen, der Freiheit.

Ach, blauer Augens Mädchen,
Bist du meine Sinnlichkeit –
Sehst du? Horizont!

Ich mich sehne nach dir.
02.IX.2014

Esperança infalsa

Rumino minha dor num álbum de sonetos
São tantos os afetos e os medos que
Eu simplesmente encaro a corda sobre o abismo
Como um apaixonado saltimbanco existencial.

Nem sequer falo de meu sério ateísmo.
Assusta demais, uma dose de vaga verdade:
Se Deus ou um "superior" existe mesmo
Que se lembre que tem muito de tua lógica

Para ensinar aos teus descrentes. Sim
Estamos sempre aqui, e vamos de
Surpresa e dor em surpresa e dor, adiante

Rumo aos espíritos valhallescos do
Supra-humano, perseguindo, convicto
O escopo vazio de sentido que somos!

05.IX.2014

Insistência Fraquejante

Ah, menina, ah, mulher tão desejada!
Que a esperança nunca se apague, nem
Muito menos o sonho! Eu que lhe quero
E tão grandes sorrisos teus sei que posso ver!

Dá-me, pequena independente pra si mesma,
Apenas mais um abraço, como na praça,
Deixa-me olhar em teus olhos… olhos
Do azul tão cristalino que tanto amo.

Como um Bukowski, me afundo, e mais fundo
Vejo minha luz, quando estou sem ti.
Possessividade? Não, é saudade, é bem-querer…

Outrora, eu, que fugi de meus mundos
Pensei que viveria sem esse doce só teu,
Mas, ah! Desisto de ser forte – sem ti!

05.IX.2014

Oposição Necessária

Venha, doce fada branca, e acelerada
Faça os mais sinceros sentimentos de dor
Por toda a minha efêmera eternidade ecoarem:
Dá-me a panacéia de uma vaga existência.

Mistura o carvão ao mel, desembaraças
Os cabelos cheios de energia que aquela
Tão amada biofeiticeira me deixou
Preso nas roupas, após noites de delicioso amor.

E que esse sabor tatue-se na mente dela,
Como já o é na minha, pois nosso prazer
É pura prova de afinidade incomparada.

Se ela briga? Que fale. Se beija? Que venha!
Ah, Homero, pois sabes pouco de amor,
Enquanto a sociedade apenas nos aleija!
05.IX.2014

A Luz

Indignados e esparsos são os sonhos
De um perdedor profissional. E é mal
Que sua ilusão o devore enquanto surge
Uma nova disposição da ambígua materialidade.

Gente louca o assusta, tem saudade do passado,
Gloriosa coleção de memórias que esmero
Como a própria vida que quero retomar,
Num avassalador assalto de carinho.

Sei que não me lês. Que pena! Assim perdes
A oportunidade de ver aqui o que negas.
De reinscreveres as runas mágicas em nossas pedras.

Somos juntos a luz, aquela forte, que cega
Enquanto convulsos soluçam no vazio
E hipócritas querem, como sempre, nos apagar!
05.IX.2014

Soneto a Marina

Doce madrugada, saudade amena,
‘Screvo. A catarse codificada em versos
Ajuda a suprimir minimamente a ausência
Do insubstituível. Única.

A frágil e linda menina que me seduziu,
Fez-me lha amar, e, por fim, descartou-me.
Natural. Um resto suburbano como eu
Realmente ainda reclama? Foi felicidade demais.

Mais bons desejos, se viessem… ah, eles
Seriam apenas continuidade de nossa energia
Recriada por nossa vontade indefinível…

Pois, se com um beijo me chamas, do pó
E das cinzas de meu túmulo, ah, guria
Sei bem que é porque não sou o único abalado!
05.IX.2014

Persistência não-coercitiva

Calem-se amigos. Não quero esquecê-la,
Não sabem vocês de minha dor! Deixem-me
Com meus farrapos e cacos de gloriosos passado
Assim, na angústia insuperável, sou mais feliz.

Sou daqueles que não sabem o que dizem.
É natural num mundo de ecos de choros
E chuvas perenes de lágrimas e sangue
Pois apenas a morte nos separa do Amor.

Não, não entendem? É ciclo vicioso, repetir
Incansável! História que sempre aceita mais capítulos
Porque mais importante que o sal é o mar…

Ah, pequenina fonte de muita dor e ilusão
Esquecer-te? Me recuso! Obrigar-te? Tão menos!
Pois sei onde andarilhos sempre se encontram.
05.IX.2014

Autoilusão

Cala-te Leminski. Poesia? Muito útil
E, de fato, com um porquê sincero.
Beijar? Ato que não se basta. Amar?
Ato que de forma alguma se encerra.

Suspeitar parmenidicamente do que é real
Nem sempre é indício de loucura. Humanos,
Agem por raiva, agem por vãos conselhos
Sempre buscando uma nova proteção…

Mas será que não é de si mesmo? Ou
Então seria daquilo que, de tão forte,
Sabe silenciosamente que não pode vencer?

Ousadia sem limites, sim, eu tenho.
Foges do meu amor, e sei porquê!
Sim… realmente é muito doce se autoenganar!
05.IX.2014

Falhas Incongruentes

Se eu pudesse fazer-te um feitiço, não o faria,
Olhando, em seus olhos, tentaria te reconquistar
Com a mais ingênua coragem de um angustiado
Do qual lhe tomaram o que considera mais importante.

Não, ninguém pode medir a minha dor… ah,
E se puder, não o faça! A não ser que
Seja para mostrar que nada do que fiz
Foi um simples teatro de cartas falsas.

Um soneto. E mais outro. Sonetos à doce vida
Perdida nas ilusões quiméricas dum futuro
Transformado já há muito em sombrio passado.

Não, angustiado, não permaneça assim!
Sofras mais! É o castigos dos vacilantes
Que se permitem deixar-se sem o que mais amam!
05.IX.2014

Poemazela

A cada verso cavo mais o meu túmulo
De memórias vivas no ferido coração.
Sou amante esquecido, sou o poeta que
Escreve para que não valoriza seus versos.

Versos e mais versos, viro-me ao avesso,
Mas nada parece sanar a sutil sensação
Que tenho ao engolir a tanta morte colossal
A qual supera toda e qualquer contradição.

Não é isso, porém, um soneto frívolo da penúria
Mas uma esperança imortal de sofrimento
Entregue sublimemente com as cinzas de meu corpo.

E se, ranzinza, me vês hoje reclamando,
Lembra-te ranzinza, mas fielmente doce,
Eu a amava e amo! Porque nada isso destrói!
05.IX.2014

Mensagem não enviada

Versos do escuro, frieza e suave solidão
São os que aqui lentamente se desenham.
Venha menina, venha princesa traiçoeira,
Julga-te a ti mesma, e me olha. Tão-somente

Arrpendeste-te? Estou sabendo. Me olha
Esqueça o erro gramatical. Me olha, eu sei
Que queres o mesmo que eu, e te entregas,
Sela com o teu corpo a nova promessa.

Queres reconstruir algo? Eu também. E,
Por que não algo juntos? Um poema,
À meia-noite, abraçados sob grossos lençóis?

Ou, quem sabe, apenas uma vida
Onde sonhos, como foram, tornem-se reais…
Ouço qualquer pedido que não seja "me esqueça".
05.IX.2014

Poema para Preencher

Tenho um longo soneto para ti
Mas repare que é curto e simples.
Já gastei dois versos e preciso
Com calma ainda lhe falar algo mais.

Talvez que te desejo, mas mais um
Verso, para isso? Depende, o que queres
Lendo mais e mais palavras? Que é
Que esperas do soneto, afinal?

Dois quartetos e casal de tercetos,
Nada mais, além do ritmo da prosa,
Deve aqui lhe complicar. Que seja.

Leia, então, meus sentimentos nas entrelinhas
Da mesma forma que o triunfante verso final
Aquele que representa um sentimento sem igual!
05.IX.2014

Amantes Inimigos

Sim, pérola azul, no Mar mais uma vez
Te atiras, como kamikazes enfurecidos
Querendo, com ódio, vencer teu inimigo.
Pois bem, aprendes, ou agora ou nunca.

Somos inimigos. Mas loucamente nos amamos.
Estamos em guerra, e queremos ambos vencer
Disparando nossas mágoas e derrotas pessoais
Mas, meu doce barril de pólvora, olha-me!

Deixa que eu roubo o beijo ácido e saboroso
Dessa tua boca cuidadosamente preparada
Para seduzir-me e derrotar-me. Odeio-te.

Odeio-te com tanto amor que te quero bem
Fazendo do teu castigo o meu carinho,
De teu perdão, teu próprio amor por mim!
05.IX.2014

Meltdown

Suba aquela escada, pois espero
Há incontáveis dias, e não vens. Nunca.
Qual sua desculpa? Como te redimes?
Vacilas e vacilo também, consequentemente.

Sou libertário, mas preso por vontade a ti,
Delicada flor que amo o perfume suave
De fêmea linda e pronta para me
Enfeitiçar a todo e qualquer momento.

Argentina? Mas, e teu amor na Ilha?
Aquele que de longe veio, só por ti?
Como pagas o ato do que se deu a ti?

Nada cobro, apenas pergunto, devastado
Pela angústia de um fim sem porquês
No pó, cinzas e lama da desgraça!
05.IX.2014

Desespero não-sucinto

Sob o céu manso, confuso eu vejo
Uma miragem de qualquer falsa esperança
Não pode ser real, não pode ser tu
Aquela que vejo no horizonte de seca paisagem.

Não, não és tu, não é ninguém ou nada
Nem mesmo é algo de que pode-se gabar
É apenas tormenta e escuridão profunda
Aquilo que o tempo faz cair com grãos de areia.

E, nessa ampulheta de giro infinito,
Fico passeando agora na gélida névoa
Buscando qualquer razão para ainda existir.

Mas, supra-humano, apossa-te de mim –
E faz-me, com tua inocência destrutiva
Declinar! Para abraçar o irracional dentro do nada!
05.IX.2014

Meus Conselhos

"Esquece" é o que me dizem ao ver-me
Afundado na lama de belas e distantes memórias
Quero-te, doce Fortuna, glória imortal
Como o mais sincero e antigo desejo meu.

Pois é tanto querer, tantos momentos e
Também quanta história! Isto, que hoje fazes
É pura amnésia! Desconhecimento de si
E eu, por aqui, agora quero só subsistir.

Já perdi tudo, comigo não mais 'tás
E, assim, busco apenas outro princípio ativo,
Qualquer sutil droga que me acalme.

Bela adaga louca nas costas… por que
Me sangras? Justo o que te afiou e empunhou
Com tanto cuidado! Triste destino, naufragado…
05.IX.2014

Angsttalha

Na frente da profecia inacabada me assusto
Com as vicissitudes de um ideal duplo esquecido
Sem nenhum tipo de libido, vagueio
Esperando reencontrar a agulha no celeiro.

Mas, vagando vagueio e percebo, quase
Sem querer, por entre sábios e mais sábios
Que nada de bom, fora seus inflados egos,
Possuem para nos repassar cotidianamente.

No cotidiano, e na mente, permanecem então
As feridas e os pedaços de ti em minha vida
Que nada de bom possui para vos ensinar.

Mas, cala-te, pseudopoeta, e encerra teu soneto
Pois dos ócios que a aflição lhes traz,
És o escultor, com sua faca de angústia!
05.IX.2014

Superação

Ah, querido pensamento, eu te esmero
Como a quintessência de meu próprio existir.
Te cuido e te analiso, e tua ilusão beija-me
Como a bota policial que nos espreita.

Negas a mim, mas não renego a ti, não posso!
Reverberante ideia! Me gelas como vento invernal
Que atravessa, impiedosamente, meu ínfimo ser.
Venha, e, com um sorriso, denuncia meu sofrer.

Sofro e volto ao pó e cinzas, me reconstruo
Me recrio sem saber mesmo qual o porquê
De insistir, tão convicto, no esforço mais errado.

Me negas, ideia, me negas, ingrato, frio Amor
Mas ainda assim, eu te sigo, em pensamentos
Pois é isso que resta aos vazios d'emoção!
05.IX.2014

Sociedade vazia

Tormenta atrás de outra, eu sigo
Em frívolas discussões. Ah, mais belos olhos,
Como a chama que acendestes apagar-se-á
Nas infrutíferas ilusões de uma vã materialidade?

Como um tolo na puberdade, atravesso dunas
Numa ilha, perdido, compartilhando sonetos,
A poesia torna-se meu eterno retorno a nada
Num espaço onde teu delicado corpo está ausente.

Viva e sorria, enquanto eu, perdido, me
Lamento das mais intensas felicidades subvertidas
Em apenas memórias distantes de pessoas avulsas.

Mas, eu era tu, e, outrora, tu eras eu!
Hoje, busco novamente o que me desses um dia
Sem perceber toda a irracionalidade do desejo!
05.IX.2014

O Soneto de um Desgraçado

Ando, e carrego nas mãos o Zaratustra
Leio-o, não caio. Júlio César era mesmo
O sábio. Lance os dados e atravesse
A Hercílio Luz – ela ainda me seduz.

Caminha, místico sem nenhuma crença,
Sobre o fino vidro que tomas como base
E beija a face da desesperança, sem desespero
Procurando, sadicamente, pelo que já se foi.

Sempre que me impedem de falar, menos
Descubro que tenho a lhes dizer. fúteis
São os anseios expressos em discursos vagos.

Caminha então, Mago Vermelho, por essas
Tão reprováveis inverdades como eterno
Aspirante das angústias imortais e intragáveis!
05.IX.2014

Açúcar Mascavo e Espartame

Sozinho, nesta encruzilhada
Estou de frente ao trabalho.
Sorrio, ensaio uma fuga
Mas não há chão em qualquer lado.

É paixão pelo infinito irrealizável
É fixação pela ideia obsessiva
De a algo ou alguém apegar-se.
Mas como nos comportaríamos então?

Fragmento de imaginação superficial
Apegado à minha aspiração sem essência
De qualquer coisa que não se sabe mais.

É inimaginável, como incomparável
Frescor de não viver! Ah, ilusão gigante,
Não enlouquece este que sinceramente sonha!
05.IX.2014

Superação #2

Marcas a paz como pausa da guerra
Numa brincadeira homicida que
Determina futuros de incontáveis pessoas
Que sequer sabem o que se passa.

E, se passa, eu vivo sempre por aqui
Apaixonando-me pelos meus melhores inimigos
Enquanto os zaratustrianos amigos
Permanecem na distância que não esperamos.

E, esperanças furtivas, continuam por aqui
Como tudo que foi-me deslocado de sentido
Num jogo indutivo que nos leva ao erro.

Venham, amigos, pois eu aqui berro
Aspirando esperanças superiores
Mastigando a fome com os versos!

06.IX.2014

Para uma guerreira celestial

Morto fui em batalha, Valquíria.
Resta-te apenas meu corpo flagelado
Para julgar se mereço mesmo com isso
Ser elevado aos exércitos de Valhalla.

Toma, Valquíria, este meu corpo mega ferido
E suspira em meu ouvido calmamente
Qual ser-me-á a honra obtida
Com teu julgamento divinamente validado.

Toma-me, Valquíria, em teus lábios mais uma vez
Enquanto eu, falecido de mim mesmo,
Ouso demonstrar-te meu valor novamente.

Com cabelos majestosamente dourados
Ficas, pelo olhar azul, responsabilizada
De ser justa – justa, em nosso código!

06.IX.2014

Adios sin dios

Sozinho, me despeço deste palco de ilusões
A portas fechadas no teatro vazio.
Murmuro qualquer remorso. É desolador
Quando se perde tudo aquilo em que se investiu.

Diga adeus à peça mal-encenada de sua vida
E encara o vácuo como única alternativa
E dispara contra os falsos ídolos
Aquela acidez que sequer eles conhecem.

Sorriem, fingem, alteradíssimos, que não vêem
A desgraça perante seus turvos olhos
E sorriem, enlouquecidos, como se houvesse motivo.

Sou eu o tolo? Ótimo, dane-se. E sem
Nenhum Augusto dos Anjos pseudo-intelectual
Só me resta abraçar o destino por mim mesmo!

06.IX.2014

Soneto aos idiotas

Quantas vezes as folhas do calendário
Foram arrancadas, desde que aqui
Decidi permanecer? O que eu perdi
Em minha vida é imensurável

Mas ainda assim hipócritas latem
Inverdades e delírios a bel-prazer
Armando, como fascistas, a separação
De mim daquilo que essencialmente sou.

Calem-se, e que seus berros de ovelhas sejam
Misturados à substancia mística do nada
Do qual sequer percebem ter de fugir.

Bate as solas dos sapatos e dá as costas
Pois se queres o que queres, anda
E toma, poeta que lê, o destino em tuas mãos!

06.IX.2014

Em tom sério

Casa espiritual de mim mesmo hoje sou
Após tantas e tantas falácias vividas.
Abandona a sandice inútil, viva o ar
Que pulsa da natureza mágica e reverberante.

Não ouça asnos, monte-os ou os faça
Simplesmente debandar de sua presença,
Companheirx, é o que lhe digo, bem certo
De que de nada valeu essa vadiagem.

Volta para tua vida – reconstrói-te das
Ruínas lascivas e pútridas do que lhe restou
Entre dívidas morais e outras financeiras.

Poetiza a pobreza, reles ínfimo esquecido
Pois és a minoria de si mesmo, e que
Tão profunda reflexão disso se faça!

06.IX.2014

Retorno justo

Ah, mágica princesa que deixei, hoje
Após atravessar mares fugindo de ti
Como o companheiro pródigo retorno
Pedindo novamente o carinho de teu abrigo.

Perdoa os erros que tu e eu cometemos e
Avança, leia aqui, em meus olhos quando digo
Que te resistir não é fácil – bem como esquecê-la.
Mas, senhoras e senhores… Há algo errado?

Sim, que somos novas pessoas, hoje
E não sei nada ainda do que tu és
Ou do que eu deixei não sei quando de ser.

Acorda, princesa, como eu me acordei
Volta à tua nau noutro sentido –
Pois que também eu espero teu regresso!

06.IX.2014

Quarto universo

Sartre diria que somos nada
Eu, que estamos todos loucos
Repara, suspeitosa dama, porque
Aqueles são os tambores do exército que vem.

Irá te atacar, ah, justa batalha é essa
Onde corpos guerreiam um pelo outro,
E o afã de submeter-se ao doce prazer
Nos corrói como saborosa obsessão.

Engulam suas notas e moedas. Seu lixo
Monetário não me corrompe, pois eu,
Dos proletários sou o mais louco possível.

Aqui não há hipocrisia, nem mesmo
Uma maldade cruel que nos rodeia…
Mas cuida-te! Cada um aqui é inimigo!

06.IX.2014

Falha

A energia micro-estelar das trapaças
O meu vazio trespassava como tenebrosa
Angustia traduzida demasiado matematicamente
Como o último sonho do qual se nos desfazemos.

Um panteísta sarcástico, ou um ateu
Tolerantemente respeitado – como se se
Pudesse ter os dois – finge não ver
Aquilo de que tanto e há tanto foges.

Vibe pesada, caneta quase imóvel de dor
Da brisa em que enfiei-me e amargo.
O mundo é apenas uma representação.

De quais crianças alheio ando eu?
De que momentos não poderei me orgulhar
E, esperançoso, o que leva-me ao radicalismo?

06.IX.2014

Celulose divina

Estou cansado da cara amarela
Tão repetida quanto moeda de dez
Do Dom Pedro I. Cansado de toda a
Ilusão suprema do existir pernicioso:

Terrivelmente enojado de pensar que tudo
É natural pelo simples fato de o dinheiro
Ter uma linda fauna em si desenhada.
Mas representações não valem mais que o real.

Real, mas não o R$. Este é apenas o nome de uma
Cadeia de cálculos abstrata. De nada importa
Se muitos creem nele ou não. É metafísico, M$.

Então, amor, não te iludas. Esse papel que
Tão inconscientemente louvas não passa de
Um frio, sinistro e sorrateiro estuprador de existências!

06.IX.2014

Venenosa quelícera

Como uma sereia, tu, paraíso de azul
Serpenteia tua mística música pelo ar.
Intentas me enfeitiçar. Percebi, sei e brinco
Durante tanto tempo quanto não podia imaginar.

Destarte, por um instante, penso não me afetar.
Mas não é possível, em tão curto espaço
O relógio fez-me entregar. Tenho não apenas
Gratidão, mas um (~~andrógino~~) sentimento (~~i~~)moral.

Então abruptamente de mim foges tu
E com nenhuma ininterrupta veemência
Obrigas-me a pensar "e se não terminou?"

Sobretudo, com teu carinho, trazes-me de volta quando
Só restam-me cinzas e pó, com um beijo faz-me novamente
Superar-me, em amor por tua afável epistossoma!
06.IX.2014

Tácito silêncio

Aqui vos falo d'A Realidade. Onde
Nossos heróis morrem pois são os inimigos
De algo doentiamente sem limites
Que se alastra como praga pela humanidade.

Entenda, doce bebê, que as tragédias d'Ésquilo
São os dramas que devemos encenar sim,
Mas como bons amantes do grego por excelência,
O risonho Aristófanes que ri e aprende na desgraça!

Então, doce flor dourada, arrisca a alegrar-te,
Volta, pois, mais sábia, de tua parcial Lisístrata
E comigo novamente pensa esse mundo.

Disso em diante, mais felicidade pode haver
No sarcasmo positivo do único agora,
A esperança que tens tu, cara humana!

07.IX.2014

A abelha

Começa o circo. Te vestes de carrasca.
Coloco meu pescoço, inconsciente, no local
Onde meu sacrifício ocorrerá. És também
A punitiva juíza daquilo que nos ocorreu.

Estou desarmado, me entrego. O golpe recebido
Foi forte demais. Ainda o sinto, quase tal
Um cristo louco beijado na face. É provisório,
E teu beijo é de emoção. O sentimos. Mas o quê?

Percorre-nos a chama, e arrepias-te, não negues.
É feio mentir a quem guarda teus segredos.
Entendo como sofres. E que tenho parte na culpa.

Ah, mas nada disso mais me separa de ti,
Percebes o mesmo, mas recusas! Ah, garota,
Não vês que com teu pólen faço eu doce mel?

07.IX.2014

A queda

Um. Dois. Marco os meus lentos passos
Por sobre pesadas e negras nuvens. Mas
Um buraco insiste em sempre fazer-me que
Esqueça que também possuo realidade.

A queda é longa (-íssima). Abro os braços,
Me despeço da vida e abraço o vento
Com a esperança nítida de que estou e não
Estou talvez um tanto completamente louco.

Acima de mim, o sol e o céu azul. Abaixo
Apenas a mesma cor, porém no frio mar.
O que pensas que abraço eu, afinal?

O calor dourado e o anil profundo de si
– E que o mundo inteiro não me ame ou perdoe
Por querer-te tanto, mesmo que o pensem ser errado!

07.IX.2014

Autoconsciência

Pequeno e jovem Mago de si mesmo, analisa,
Que cultivas tu em teu jardim fenomenal?
Que químicas e encantamentos escondes tu?
Para que queres tudo isso então usar?

Dúvidas e mais dúvidas. Possui todos os
Mais bem preparados instrumentos para agir,
Qual é então consigo, o cabal problema?
Pois nada parece encerrativamente a derrubar.

Anotas tuas mágoas nos marca-textos e nas
Bordas de todas as páginas de teus livroos.
Mas, para que queres tudo isso então usar?

Reacorda-te, cinzento mago, pois fostes
Admitido por si mesmo em uma nova ordem
E, para ascender-te, necessitas sempre ser o melhor!

07.IX.2014

Incompreensível beleza

Como um bom ébrio malditamente degenerado
Surges tu, e travas-te na frente dela.
Que pensarias conseguir com esse humor negro?
Assustar todo e qualquer um(a) que o olhe?

Nega-se ela de refundir-se a ti, desvairado,
E não menos castigo tu mereces em verdade
Por uma idiotice tão estupidamente alucinada
Mas que precisava demasiadamente ser feita.

Com lógica, retoricamente a atacas e na
Sofisticação contundente da curiosa situação
Possuis muito argumento, mas faltavam atos.

Vai-se agora, louco menino, e descubras
Aquilo que realmente queres, pois eu te digo
Que aqueles lábios… Como são irracionais!

07.IX.2014

Mesma mesmice

A chuva cai na madrugada, e, afável,
Faz-me lembra ainda mais de ti. Sim,
Ainda sinto sua energia tão próxima de mim
Que qualquer retorno torna-se mesmo incondenável.

Pois ele também é eterno. Gire a ampulheta
E mais uma vez, novos nós, recomeçaremos.
Mas a brisa suave da chuva aqui é-me apenas
Uma qualquer relembrança e arrepio, por ti.

Longe'stás. Eu o sei. Muitos mares insistem
Em interpor-se teimosamente entre nós.
Se quiser, e só assim, ajudo-te a atravessá-los.

Navega, naufraga na saudade, nessa lenta
Chuva aqui, comigo! Minha louca esperança
Não permita que o Sol queria agora não nascer!

07.IX.2014

Elegia da ausência

Sinto falta de encontrar teus cabelos nas roupas
Que reviro em meu confuso quarto d'ilusão.
Fecho-me apenas para mim, conservo-me
Durante esse infinito e progressivo "aqui".

E, nessa frívola leviandade, amiga, admito
Que encontro sim muita dor. Mas a luz esperada
Realmente deixa fagulhas inevitavelmente escapar,
Denunciando os reais motivos para ainda lutar.

Aqueces-te na proteção de meus braços, como quero,
Enquanto insisto em sistematicamente renegar
Qualquer tentativa de possível desistência.

Mas a magoa é em mim também profunda,
Perdoe então, Amor, se eu mesmo não sei
Até que ponto tu não és ilusão de verdade!

07.IX.2014

Estranho reencontro

Amor, quando vivo estavas, me odiavas.
Habitavas o coração dela, mas seus surtos
A deixaram tão perdida que eu também
Perdia completamente a noção e pirava.

Amor, que hoje ela jurou e desjurou que morto
Verdadeiramente já'stavas tu mais deslocado
Do que um dia eu já'stive. Mentira.
Quando te perdi, atormentado amorteci n'ilusão.

Nada que faças o reviverá. Ah, amor um
Sentimento em dois corpos! Sinto sua energia!
Mas para onde foram os que outrora s'amaram…?

Tão perto fisicamente, com mentes tão opostas
Às que um dia ambos já possuíram,
Os amantes hoje odeiam-se ao passo que se desejam!

07.IX.2014

Antitempestade

Bate yuma brisa poderosíssima e as velas
Rasgam-se. Dionyso está sem capitão
Rumo à sua musa navega freneticamente:
O poeta perdido no nebuloso Mar da Angústia.

–"Ah, princesa Seelicht, como hei de
Poder eu tão grande desejo de revê-la agora
Explicá-la, sem cair no Paradoxo do Entendimento
De um Górgias enfurecido com a hipocrisia retórica?".

–"Nada me importa." – diz-me com olhos de
Capitu – "A escolha, rato de águas profundas,
Foi unicamente tua, e eu, por isso não me responsabilizo".

Mas, doc'ilusão, não 'ntendes?aquilo que
Nós tão lenta e dedicadamente construímos
Não destrói-se, por maldade, da noite para o dia!

07.IX.2014

Sem o mapa de Dante

Agonizando em chamas, sufocando no fumo
Da própria carne queimada, vai aquele
Que foi manco o suficiente para crer poder achar
O caminho para o paraíso através dos nove círculos.

Mas, sozinho, perdido entre milhões de demônios
Queima ele agora seu próprio existir, seu ser,
Nesses buracos de areia movediça que nós
Pensamos ser grandes oásis no deserto de fogo.

Vai então, consumindo-se pelo grande calor
Onde a tormenta é sempre a metade da anterior
Buscando, numa estranha, dissimulada e fria calma.

Qualquer traço de sua Beatriz lhe seria
Um alívio nesta andança crucis sem final
Mas ele, raulseixista, não pode desistir, como tal!

07.IX.2014

Zweisamen

Garotinha que brinca com bonecas
Entre grandes quadros de Marilyn Monroe
Ouça minha história e compreende a cilada
Em que este filosofante em versos caiu.

Metido num mundo fútil de meninos e molecas
Que pensam ser qualquer coisa que não são
Vai aquele eu desolado, sem entender nada
E com duvidas e confissões mil.

Falo para o vento, e vozes escrachadas
Não deixam-me de forma alguma ouvi-lo
Nesta nova e estranha forma de solidão.

Então, querida princesa, assimiles mesmo
Essa angustia nada suprahumana que destilo,
E tento evitar contigo, nesta elégica canção!

07.IX.2014

Ilusão Vermelha

Com Lucas Ferreira

Prometes a grande libertação, como um Cristo,
Mas teu Deus é o poder. Assassino vulgar
Que denigre a verdadeira emancipação proletária
Não permita-se a vitória de tua usurpação bolchevíquica.

Revolução é horizontal, sindical e conselhista
Não simples retórica mascaradora de sangue.
Que os milhões de trabalhadores mortos ensinem
Que a liberdade só é completa com a autonomia.

Não, não precisamos nos endurecer fascitamente
Por uma realmente possível terra sem amos
E é isso que os abonados não admitem.

Então, tu que desgraças nossa imagem
Como o bigode russo dos milhões de horrores, cala-se
Tsé-Tung, genocida farsante, porque o Mao tá em teu nome!

07.IX.2014

Nihil Veritatae

Não é porque Nietzsche nos manda lançar
Palavras de Ouro na frente de nossos atos
Que devemos esquecer que faz-se necessário
O fato de também fazer mais do que dizem tais palavras.

Sempre adiante, seu delirante, vês como
Ele é irrisório, meu Amor? Como pensas
Que posso amá-lo mais que tu?
Ah, amigos, eles não existem como Zaratustra nos conta.

Ousa verdadeiramente, falso sábio ateu,
A colocar-se na fina e incompreensível
Corda estirada entre o macaco e o supra-humano!

Pois, se a amizade e a ação devem construir-se
Para muito além do Bem e do Mal
Saibas que a risada nunca foge do palco dos símios!

07.IX.2014

Ich stehe bei Marina auf.

Ah, garota, eu sei que fui demasiadamente fraco
E me deixei anular para acompanhar todos
Aqueles que estavam atrás de minha sombra
Mas já vejo onde erro, evito o erro, e aqui ‘stou.

Sei que não amas como eu os versos
Que preferes outras provas disso, e aqui registro
Que estou me recuperando, doce mel,
Nisso concluir este sincero soneto.

Aqui se faz a grandiosa ilusão, aqui a prudência
Não é de forma alguma sequer bem-vinda.
Imagines tu nunca que não ‘stou cônscio de mim.

Anoto em minha memória o que falo e faço
Buscando criar um mapa geográfico e antropológico
De toda a Ilusão, na qual a pós-modernidade s’afunda!

07.IX.2014

Dois por volúpia, um por amor

I
As magias ocultas por teus lábios
Acessadas são pelo meu paladar.
É um delicioso ósculo faminto
Desse teu frenético anseio de proteger-se.

Danças calmamente perante meus olhos.
Teu corpo, majestosamente desnudo é um
Esplêndido espetáculo de volúpia tentadora
Onde meus mais pecaminosos sonhos concretizam-se.

Deixa-me sorver novamente seu íntimo mel
E provar de teu sabor tão feminino novamente
Para que seu corpo exale arrepios loucos de prazer.

Doce sandice és tu, minha pequena delícia,
Que tão naturalmente vê, e me provocas –
Mas resistes aos sabores de minha boca!

08.IX.2014

II
Após o místico clímax, olhando-te profundamente,
Gostaria eu de cessar este desconexo existir
Se houvesse qualquer probabilidade mínima
De perder esse intenso gosto de ti nos lábios.

Olho em teu corpo, ainda úmido e convulso
Do prazer que tão pervertidamente obtivemos.
–"És meu Amor, és meu, amor" – sussurras e
Conquistas impiedosamente toda a minha paixão.

Dia após dia, meticulosa aranha, teces tua teia.
Que pensas tu que sou? Não o sei, confuso
'Stou. Ah, minha doce menina – seja tu minha luz!

Ama-me e odeia-me. Beijas e bates. Ah,
Minha doce menina! Como poderei eu mostrar
Quão perigosa a mim é a tua brincadeira sedutora!

08.IX.2014

III
Tudo isso, porém, é fruto de um poderoso
E não-finito Amor. Não ‘ntendes, menina,
Que és capaz de despertar o mais belo cuidado
N’alguém qu’é tão essencialmente feito de desprezo?

Brincadeira com fogo, eu te quero, princesa
Assim como um inseto que atira-se cegamente
E rodopia por horas, até desvairar-se por completo
Nesta luz enlouquecedora de teu calado olhar.

Conheces-me, alvo anjo, tanto quanto eu a ti.
Sabes que não permitistes-me abandoná-la
Mas agora queres voltar as costas covardemente a mim.

Que praga posso eu desejar-te? Que sofras,
Que morra? Não! Nunca‘credito em punição,
Mas que tu descubras quem mesmo cuidou de ti!

08.IX.2014

Dialektik

Da contradição surge a superação
Da distancia ressurgiu me Amor
Da ausência renasceu minha saudade
Dos erros reapareceram os carinhos.

Da fada branca me atire a você,
De Deus revela-se um melhor ateísmo,
Da desesperança vem a confiança
Das tristeza eclodem sonhos d'alegria.

Sendo as coisas assim, doce flor, veja,
Hegel não havia cometido grandes falhas
É mesmo essencial negar-se para algo transpor.

Não fiques desta maneira, fundos olhos
De azul celestialmente ilimitado…
Admita que o retorno é mesmo eterno!

08.IX.2014

Todos contra César

A Bruxa t'enfeitiça, e cegaste-te para mim.
A Farsante finge-se altamente confiável
E o hipócrita age como grande protetor.
Todos são determinadamente voltados contra mim.

São muitos vilões para um pobre herói plebeu.
Interesses demais em torno de teu falho andar
Sanguessugas que são, corruptores de consciência,
Nada mais que enfiar venenosos vermes em ti eles fazem.

Não possuo forças suficientes, esmoreçom m'afasto.
Afundo-me numa gigantescamente introspectiva viagem,
Por Odin! Tanta energia teu Mago não pode rebater.

Recebem-me em festa – aceitam o crânio
De uma besta suína da floresta, por mim caçada,
E me entregam as chaves para seguir ainda além!

08.IX.2014

Conversão

Anarcisismo teu que pensas domar
O perfume das flores d'amora
Sem nem mesmo ousar um cumprimento
Em sinal de respeito à *physis*.

Anarcoitadismo sincero o meu que
Quer apenas escrever versos para quem
De forma alguma os irá ler, por
Uma grande fatia de autoconfiança criada.

O piso sorri a cada passo esforçado
Que tu forçosamente tens que dar
E pensar que ainda pisas no respeito…

Só pode ser por puro despeito da própria
Fraqueza em manter teu amor junto a ti
Fazendo-o a Filosofia preferir!

09.IX.2014

Des-consideração

Com grande dissimulação, finges tu
Que nada és capaz de sentir.
Grande mentirosa, pois quando vês
Eu esticando minha própria morte…

Não resistes, te contradizes, estonteada
E vejo a aspereza fingida em ti vacilar.
És mentirosa para ti mesma, tu que
Sabes bem melhor que eu que tudo não acabou.

Grande aspirante a sofredor sou eu,
Mas sem causa, lobo, vestindo-se de vítima,
De tanta dor que obrigasses-me a sentir!

Então, tu, que partes a um submundo
De gente endividada o suficiente para ser
Nada mais que cowboys cools e ignorantes.

09.IX.2014

Vingança sem ódio

Barreira contra barreira ilusão idealista
Contra a realidade baixa e infantilmente
Divertida como um simples rolar de dados
Respondo ferozmente às energias que senti.

Brincas com um heraclitiano, e aviso-a.
O fogo é o princípio e a lei, e a guerra
Minha brincadeira de café da manhã,
Então, sugiro que não me provoques.

Mas, sei que não vais ouvir – que pena.
E bom remédio para dor é diversão,
Matanza, Raul Seixas e demônios crowleyanos.

Sorria, então, biomédica, para a filosofia
E o devir que desconheceis, na dualidade
Dos valores que devem sempre ser transpassados!
09.IX.2014

Rita Lee na ~~na~~ cabeça

Palavra contra palavra nós construímos nossa
Frívola realidade farsante de fugazes momentos
Que se desfazem como anarquizantes esperanças
Que somaram-se arcaicamente em meu devir.

Compreendes a cifra complexa que criptografo?
Se que é ununsual o que lhe peço, mas sabemos
Jon Snow sempre morre nesses carnavais
Que fazemos com masturbação d'armas.

Demônios desgraçados, hematófago de zumbis
Que fez deveras mal seu trabalho de limpeza.
Aguardamos então pela civilização e humanidades que ruíram.

Cordas quase arrebentando, no limite dessa
Simplicidade ingênua, meu amor, ficam
Também presas a essa cadeia de ilusão.

12.IX.2014

Para a insustentável leveza do ser

Skinhead, skinhead, what do you wanna do?
No doce azul distorcido em teus olhos
Eu vejo mil promessas caírem ao chão
Enquanto vejo você deliciosamente ferver seus neurônios.

Minha existência não é uma sombra vã
Mas, como percebemos, um eterno repetir de olhares.
Teu corpo, tatuado com tua personalidade
Provocam-me demasiado familiar e tranqüila situação.

A luta vermelho-negra antifascista também
Evidencia o que de mim há em ti, não?
Quanta desilusão! Mas, junto a ti, está tudo bem.

Animal psicodélico, no qual dança a fada branca
Traga-me de volta a qualquer algo
Ou deixa-me simplesmente ser a ti!

13.IX.2014

Schwarze Haare
Blaue Augen

A insurgência minifocal dos coloridos
Multiangulosos prismas reluzem
Em teus docemente delirantes olhos.
Como, figura linda, não queres que eu a queira?

Vamos então, quintessência de mim
Vamos espancando o demônio e o anjo juntos
Com muita seriedade de se existir consciente
Para que seja impreterivelmente possível evoluir.

Mas não posso idealizá-la, não posso me
Apegar a ualquer razão de ti… por mais
Deliciosamente afável que tu me sejas,

Substância una, chama vermelha que foge
De seu intelecto para o azul transparente
Desses orbes mortais que magicamente me seduzem!

13.IX32014

Contato do acaso

Fada branca, brinca comigo nessa dança
Tão ununsual que magistralmente arquitetasses
Não permitas-me pedir-te nada – deixe a ti
Entregar-lhe então mais do que tudo!

Zumbis morrem, zumbis falam e me contenho
Me sinto novamente longe demais de mim mesmo
Perdido na imensidão de um deserto
No s picos dos sulinos e indígenas montes!

Deita aqui, ilusão de cristalinos olhos azuis,
Com intentados negros fisos ornando-te.,
Para que eu suporte nada menos que o perfeito.

Amaldiçoado destino eu sou forçado a ver
E participar de nada além daquilo qu'acho falho
Numa cadeia de quedas – muito longe da superação!

18.IX.2014

WROAR

Sabemos que no Ragnarök real temos nós
Que nos encontrarmos suspeitamente com nós mesmos
Num fosso profundo de esgoto da decadência d'Ocidente
Onde não raramente nos achamos com azar.

Justamente vamos acordar, talvez um dia perdidos
No fabuloso mundo dos cegos para si próprios
Onde todo purgatório vira piada, num instante
Enquanto outrora foi simplesmente silenciado.

Ah, amarga aspereza de existir insano
É aquele ego que mal respira a própria dor.
Venha, doce profano – não esqueças teu stalker.

Vultos, então, resmungam de mim a mim
Numa estapafúrdica vaga flamejante em
Não sei lhes dizer como acabou o instante

13.IX.2014

Angariantes

O pensamento do fim da triste humanidade
É aquela supressão imperceptível da Vontade
Que as ovelhas não percebem lhes acometer
Enfeitiçadas que são pelas formas de poder.

O trato poético metafísico, fútil e surreal
Cabe àquelas mentes podres derivadas do capital
Que sequer sabem onde as verdades se metem
Ou você sabe bem isso – or don't you know them?

Magna questão. Desespero ou fútil ilusão?
Andar, vacilante, esparso, humilde e descalço
Cabe nas redes, em todas as grandes paredes

Da mesma forma que se constrói o fio
Dum deserto sem cantil, vida que não se conforma
Com bons pensamentos negros ou filósofos gregos!

13.IX.2014

Trogloditas do poder

Naufragados por tolo iceberg
Lamuriam-se os tripulantes do navio
Negro, jogado no meio da UFSC.
“Que fazem naquele sanatório, os pirados?”

Caveira negra, estampada na luz prata
Onde a Utopia se desfragmenta em vício
Estapafúrdia é pensar, entre nós, qu’está tudo bem
Quando a água já sufoca a própria boca.

O que vocês querem? Bem ou mal?
Qualquer maldita dicotomia ridícula?
Qualquer reconhecimento de pouca merda?

Desencantem, demoníacos fantasiosos
Que insistem em destruir o fruto do trabalho
Pois a força aqui é veramente inesgotável.

13.IX.2014

Completamente inútil

Joga-te da não baixa janela helicoidal
Que pensas, com o jogo na mão, ser apenas
Um solo confiável de se apresentar
Esquizofrenicamente, fina linha entre verme e matéria.

Ah, saudosíssimos olhos azuis, sois-me como
Algo que eu sequer sei como poder lha definir
Quando sussurra-me uma antifa boca
Surgida no momento mais inesperável.

E esse novo brilho fosco, num denso mar
É capaz de fazer-nos duspirar nas tormentas
Que não sabemos bem como lhes explicar.

Seja então pelo agora, seja então pelo novo
Pela gloria do guerreiro sombrio que surge
Sempre que seu renascimento faz necessário!

13.IX.14

Cair e levantar-se nas cinzas
À GG Skin Antifa

Os poetas são um bando de urubus, buscando
No meio de solos de guitarras delirantes
Um motivo para alimentar os seus versos
Com a carniça alheia, com a dor profunda.

Seja um idiota que cai da janela pensando
Que está pisando em solo irrealmente seguro
Seja um idiota que vê a tudo, ouve gritos
E, com feridas no braço, não sabe como falar.

Nem mesmo com os que considera seus amigos.
Nem mesmo com aquela que já brilhou os olhos ao vê-lo.
Nem mesmo com a outra, anjo negro d'olhos azuis.

Renasça então, supera-te! *Afhebung*!
Caia, e sempre levante, tu que lês
Ou ouve de minha boa o conselho comunicado!

14.IX.14

Péssimo soneto à *skinhead girl*

Preciso escrever-te um soneto, minha Esperança
Onde caiba toda a minha humilde paixão
Mas também o meu carinho, ambos para ti.
Tenho poucas horas apenas para ter muitos problemas.

És tu o sopro que dá vida e luz às cinzas opacas
Que restaram misturadas a sangue de minha dor.
Obrigado, garota, por ser o real doce, sabor novo
Nessas horas tão escuras e misturadas com horror.

Com teu sóbrio e violento jeito de ser bela
Quanto carinhosamente louca, tão apegada
A esse louco desapego misturado com liberdade!

Mas, não sei como falar-te, prosada ou poeticamente
Sem fazer-te rir-se de minha trágica comédia
Mas nada mais importa se olhar bem em meus olhos!

14.IX.14

Gostoso beijo entre quedas, sangue e pesadelo

Queria eu ter o cuidado necessário, *skinny*,
Para tocar a ti ou uma guitarra distorcida.
Queria ter a capacidade de jogar War sim
Ver um idiota escorregar com ele de uma janela.

Queria voltar ao meu sertão? Sem ser tão nulo.
Os gritos descontroladamente ecoam pelo salão
O ódio do governo atravessa janelas sem pensar
A falta de carinho e amizade pairam no ar.

Respirar eu preciso. Deixa-me, ajuda-me nisso
Fica aqui viajando por horas comigo nesse êxtase
Frenético, que manda para tão longe o fútil nirvana.

Um momento de ímpeto, um berserk instantâneo,
E tudo já está bem diferente daquilo que um dia foi
Ah, crianças, sorriam!, Meu senso: a inocência é o melhor!

14.IX.14

Antropologia da estupidez

Mascarados! Oh, más queridos de nossos idiotas
São superficialmente facilitados a vós
Os recursos mais desumanamente cruéis
Para estar ao lado de seres humanos.

Meus amigos, estamos afundados nos pós
Modernos e dando, como loucos, cambalhotas
Riscando, como loucos, muitos papéis
E quase tudo o que decidimos é por engano.

Brincamos impensadamente com o objeto do ilegal
Saímos rastejando, como cobras, por favores
Enfiados em quase todo vício e prazer carnal

Fazemos, alienados de nós mesmos os louvores
Mais estranhos que apenas psicopatas pensam
E apenas esquizofrênicos ouvir aguentam!

15.IX.2014

Canção de Inimizade

A dor, meus queridos inimigos, é u
Grande conceito universal autoexplicativo.
Suspeito que se o mundo veio mesmo do boom
Precisamos de qualquer coisa sem caráter massivo.

Ah, eu gostaria, mesmo, de fumar um crivo.
Num mundo longe dos paladares de caviar e atum
Procuro, sempre que posso, passar bem furtivo
Seja para dar uns tragos ou tomar uma garrafa de *ron*.

Então, se fujo de minha identidade,
Pensa tu, não deve haver mesmo uma razão?
Ah, como foi bom tocá-la, surpreendente beldade…

Mas voltemos ao problema de nossos inimigos
Sejam eles hoje tu, o policial, o Estado ou a nação
Pois sempre que os vencemos, escrevemos bons artigos!

15.IX.14

Silêncio Dolorido

Recite seus versos para si mesmo,
Senhor grande droga nenhuma.
Não importa sua voz, ou opinião
Guarda-a, sim, como um Nietzsche.

Tão louco quanto ele, sim, mas
Por conviver com tão delirante Éden
Onde poetas egocêntricos sequer
Conseguem ouvir o que outros dizem.

Chega de trocadilhos repetidos
De ideias desconexas em conversa
Sem qualquer ponta d'escopo.

Casaste-te. De ti mesmo. Então
Resta apenas calar-se. Enquanto
Um (-ns) inútil (-eis) falam até s'engasgar.

16.IX.2014

Desafio

Ah, filosofia, mais uma vez a vejo por aqui
E, apenas gostaria de tua resposta sincera
O que queres tu, dessa minha fraca vida?
Tomasses-me Seelicht, e me jogastes na Ilha.

Nada mais tornou-se claro para mim desde então.
Nesse Mar complexo de angústias e tormentas.
Suponho que não consegui resolver um problema
Já faz muitos meses, e hoje, quero m'afastar.

De ti, Seelicht. Dessa história doce mas morta.
Desses sonhos que ficaram no passado de mentiras
Que me pronunciaste durante um êxtase frívolo.

Pois, se a amei de verdade, saibas, não esqueço,
Mas morrer por ti é sacrifício que já não mereces,
Tu, apenas uma menina mimada em d'ouro berço!

16.IX.14

Falaciosa

Degolas a mim, com a aspereza com que
Tratasses-me. Estou caído fora de ringue,
Não sou um perdedor. Por que chutas-me
Em vez de me dar mesmo as mãos?

Alguém o fez. Cala-te então, você que
Simplesmente me abandonou quando de ti eu,
Aquele que tu mentiu que amavas, precisava.
Desculpa, não consigo mais olhar para ti.

Uma fina linha entre o amor louco e o
Desprezo mais sincero. É isso que há aqui
E eu, por agora, canse de suas tautologias.

Cansei dessas drogas de argumentos que
Sequer são logicamente justificados.
Chega! Realmente, Sophia, é em ti que devo confiar!

16.IX.14

Verdades hipotéticas

Se me amavas, por que é que não fostes tu
Buscar-me onde eu estava? Antes fostes longe
Bem longe, e nada então podes me justificar
Sabes que isso a demove de irresponsabilidade.

Eu estava mal, eu a amo como amava
Mas não posso permanecer com alguém que as costas
Vira de maneira tão fácil quanto insensível e descarada.
Àquele que realmente estava na vida lesado.

Tudo bem. Estou mesmo só e a solidão me enlouquece
Deveras muito menos que tu é capaz
E sei que há olhares e vozes muito mais doces.

Premissas mais conhecidas e verdades anteriores
Isso não existe fora de suas desculpas furadas
E dessas farsas e contradições estou farto!

16.IX.14

Intimidatio

Respira novos ventos, supera-te! Busca
Ao mesmo tempo, novas peles e olhares, não
Abala-te com fracos e doentes – querem eles
Enlouquecer-te. Resta então atacá-los com audácia.

Não t'enganes com vãos, com falácias frágeis
Nem deixes derrubar-te pel'espírito d'Ocidental
E contínua Decadência. Ah, niilistas –
Nem mesmo sabem por onde vão, vós todos!

Porque um niilismo recriador e positivo não
É como aquele dos inúteis e grandes chorões
Perdidos na limpem frescura da preguiça.

Vai buscar a ti e por ti, grandalhão,
Vai atrás de tuas idiotices, pequenina,
Porque eu não tenho tempo para vós!

16.IX.2014

Canseira insônica

Religião, pasmem, reintegração, uma ideia
Tão panteísta quanto não podemos prever
E é esse paradoxo gostoso, a quebra
Da droga racional negligente de nada.

Mas, ah, falam demais durante a queda
E não ouvem os que querem oferecer
Algum tipo de ajuda durante esse frio
Imensurável que nos dá o abismo.

Vai então, desligado, amigo e busca o fato
Que simplesmente é uma jornada sem fim
Onde os boçais se misturam aos sábios.

O dom, portanto, é ouvir calado, pois os
Maiores sofistas preocupam-se mais em ensinar
Tudo aquilo que não sabem, a aprender o devido!

16.IX.2014

Sarcasmo de nada

Minha poesia é denúncia prosada da solidão
Que senti ao lado dos amigos ou do amor.
Minha crítica é esperança destrutiva, senhor,
De toda essa irrisória e trágica imensidão.

Sinto-me só. Solitude, só em tudo eu vou,
Como uma criança que quer aprender ser sábia
Inconsciente dos grandes vôos de assassinas águias
E seus rasantes que embalam-se por nenhum *rock n' roll*.

Quero apenas me esquecer de mim em minha triste
Mas tão inevitável e cotidiana de nad'ansiedade
Porque nem tudo se resume à volúpia masculina em riste.

Não venha mais com essas loucas heterotopias
Nem queria subornar com folias minhas verdades
Uma vez que se o mundo fosse bom… justiça haveria!

16.IX.14

Elogio da loucura

Tua pele fingidamente saudável carrega
Incontáveis marcas de brigas de si com a morte.
Teus olhos de movimento desigual assustam
Quanto tua tez convulsa ira-se por nada.

Mal andas, e ainda assim me pisas.
Tua psicologia doente de burguesia
Misturada a uma anorexia evidente
Ignora todas as provas sinceras d'amor.

Se algo m'importa? Contigo não, a traição
É um ato d'envergonhamento e abandono vão
Que na verdade tu podes sempre evitar.

Não o fizestes, então, assim. Esqueça os
Pedidos de perdão. Tardes vais, e esses sonetos
Devem pertencer às traças de nossos guetos!

16.IX.14
Aufhebung
(Levantando-se sobre o infinito)

Ⓐ Jornada

Não quero ser um mito. Apenas um sábio mago
Que no doce cachimbo da sabedoria dá um trago
Bebendo do vinho da ébria e sarcástica paciência
Enquanto busca, outra vez, minha segunda inocência.

Passando sorrateiro por entre o sangue e lança de Cartago
Quando posso declamo o aprendido, mesmo gago
Sem ter fuga dessa tão abismal decadência.
Alguém esperava algo melhor, no centro dessa convivência.

Dê então, predador voraz, teu voo rasante por meu céu
E não espere que, como uma estúpida fábula de Noel
Eu vá ter dó, dar presentes ou perdoar teu couro.

Acorda-te, sonhador, pois aqui, nest'imensa Babel
Não há apenas versos, tautologias e papel
Mas versos incrustados no mais valioso ouro!

16.IX.2014

Marina-Minerva

Sapientíssima Deusa das bibliotecas
Levanta a poeira dos livros e traga-me
Os títulos mais ousados e afins a mim
Nesta caminhada em busca do saber.

Afastai-nos das traças, destroça-as!
dá-nos o conhecimento de idiomas importantes
Para mergulhar em literaturas longínquas e lindas
Que abrem nossa mente aos beijos estrangeiros.

Abala nossas vazias bases ontológicas atuais
Dessacraliza o nosso real imaginário atingindo
Os sonolentos que são absolutamente certos de si.

Perdoa os incultos como ela, sem vontade de
Sapiência! Abra-lhe os olhos – reconstrói
Uma pessoa profundamente abalada pela alienação!

16.IX.14

Poema do silêncio

Os versos tentam fugir das páginas
As palavras calam-se perante a dor
Os gritos fazem um silêncio intelectual
Difícil de suportar. Destarte, pensa-te!

Não caia nos abismos da erudição –
Assim deveria nos falar Zaratustra,
O homem sem deus – o homem que perdeu
Todo e qualquer resquício do nocivo deus.

Mas, chega de falar. ~ Pode-se isso?
Talvez aproximar-se muito da verdade não
Faz nenhum bem a ninguém mesmo.

–"As almas e os porcões ensimesmados
São da inferior e oriental Ilha brasiliana
Onde as sandices atravessam bem além de Tapobrana".

16.IX.14

Desculpa, Nietzsche

Bem vindo à selva. Os predadores te querem.
Olhos vermelhos te rondam, a vida foge-te
Bem lentamente pelos dedos. Não o vias?
Percebeu-o. Que fazes então, agora que o vistes?

Chega de fugir. Encara. A fera, quando demovida
Daquela posição tradicional de segurança
Reage autoprejudicativamente errado.
Não é prova de fraqueza derrubar o forte.

Se ele te ofende? Derruba-o, então!
Não aceites a filosofia do escravo.
A vitória nunca é definitiva o suficiente.

Grita, então, por teus olhos, contra o ofensor
Admite, atacante, que não és nunca forte
A ponto de não precisar temer a força alheia!

16.IX.14

Langsam

Toma um fósforo. Acende teu cigarro.
O beijo, amigo, é a véspera da escravidão
Que devotas ao mais perigoso dos seres –
O humano do sexo belamente feminino.

Teu signo é sempre perigoso. Me acuas
Como fazes com todos. Homens… seres fracos
E sua decadência se exprime na submissão
Que oferecem como opção às suas companheiras.

E, se fugíssemos disso, o que restou? Vergonha!
A amada pisa em alguém que a queria bem
E resta-nos apenas a vida seca e byroniana.

Quando ver-te com outro, que escolho eu?
Cair sempre na névoa natural, e no pó
Das angústias sem fim de um derrotado!

17.IX.14

Para ti Amor
Mostrando-te como é grande
e funciona a lógica dessse
meu sentimento.

Manda-me chuva d'alegria, mundo?
Não m'incomoda encarar esse absurdo
Já que a droga 'stá como 'stá e nada
Pode mias ser feito para apagar o passado.

Engula suas mentiras imundas, criança.
Não m'importa essa porcaria que chamas
Tão doridamente de ex-verdade. Eu quero
O doce saber das flores dos jardins alheios.

Pensas que podes rir do filho de Bacco
Com o outro hetero Loki? Avassalei-te
No silêncio das noites "solitárias". Ah,

Então, engula tuas fotografias com gente tosca
Enquanto eu continuo em minha "paixão"
"Sofrendo". Mas vivendo, como querias, não?

17.IX.14
Aufhebung
(Um ex-símio vendo orgasmaticamente a
sua declaração de independência).

Autoexplicação
À Skin

Monteiro morreu durante a Ragnarök
Reborn, quando Seelicht o tocou.
Bergjäger se foi com um ósculo
Impiedosamente cedido p'la *skinhead*.

Até um poema atrás eu chorava, então,
Agora me rio das asneiras que rodeiam-me
Sem nenhum medo de observar o tragi-
-cômico que é essa brincadeira d'existir.

Nascido, mais uma vez, com azuis olhos
Dessas cinzas louras, desse pó de morte
Apenas desejo reencontrar a doce das mais

Esplêndidas Madrugadas, ah, *frateri*,
Saibam que o sentido é algo secundário
E que o Dasein é realmente o supra-humano vencedor!

17.IX.14

Falsos Climas

É tarde. Byron cai na minha mão
Porém eu não sei de que inferno veio.
Delírio. Aceito-o como um irmão
Entre amor e ódio: pisando no meio.

Quero assim encerrar essa mi'a noite
Cavalgando em trevas com um sorriso
Pegando as serpentes em seus ruins botes
Deixando aos traiçoeiros um aviso.

Ich habe gesagt – como tu visses
Então agora não mais me provoques
Pois de fúria tenho meus vários mísseis.

Em cantigas de roda, vamos hoje
Os falidos e seus longos reboques
Levando! Aconselho, de mim foge!

17.IX.2014

Erytroxylon Coca 1860
Ao alemão Niemann

Junto com o THC, Dama Branca, és demais.
Afundastes-me em mim, e renasci disso
Marcado pelo corpo, mas fortemente reconstruído.
Não te mal-agradeço de forma alguma.

E se ela deixar? Que vá, e em boa paz.
Devo ser nicotinadamente forte o bastante
Para permanecer em meus próprios domínios
Sem meter-me com quem move sequer uma palha.

A existência é falha, o pó mágico é
Uma afiada navalha – mas para as
Hienas e tão tolíssimas barulhentas gralhas

Ideias grandiosas, ou busca de si mesmo?
Nessas hiperatividade busco entender a realidade
Antes que minha idiotice seja deveras crônica!
17.IX.2014

Espero nunca mais reler este livro.

Endereço Eletrônico:

http//danielsonneblog.wordpress.com